



Data: 31.12.2020

Título: "O problema do cancro é que é uma doença em constante evolução"

Pub: **Expresso**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 46

O FUTURO DO FUTURO

“O problema do cancro é que é uma doença em constante evolução”



FOTO TIAGO MIRANDA

A rubrica 'O Futuro do Futuro' é agora também um *podcast* do Expresso para ouvir a cada 15 dias. Este é um resumo do segundo episódio, em que Maria do Carmo-Fonseca, presidente do Instituto de Medicina Molecular, abre a janela para a medicina do futuro

Área: 731cm² / 56%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7025057



Data: 31.12.2020

Título: "O problema do cancro é que é uma doença em constante evolução"

Pub: **Expresso**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 46

NELSON MARQUES

Em 1960, a esperança média de vida em Portugal era de 64 anos. Em 2018, era de 81,5 anos. Se hoje vivemos quase 20 anos mais do que os nossos avós devemos-lo, em grande medida, ao impacto significativo que a tecnologia teve nos cuidados de saúde. Cada vez mais, muitas doenças serão tratadas não com terapias pensadas para ajudar o maior número de pessoas possível mas com tratamentos adaptados às características genéticas de cada paciente. "Há muitos anos, os médicos apenas podiam olhar e cheirar a urina, às vezes até prová-la, porque não podiam fazer análises químicas. Agora, captamos muito mais informação que nos vai ajudar a fazer um diagnóstico mais detalhado. Tendo isso, precisamos também de terapias mais precisas que atuem exatamente sobre aquilo que está errado", afirma a presidente do Instituto de Medicina Molecular, Maria Carmo-Fonseca.

Trabalha com RNA, uma molécula que está na base, por exemplo, de algumas vacinas para a covid-19. Porque é que ela é tão promissora?

Já a conhecemos há muito tempo, mas, até há pouco, a investigação estava muito mais centrada no ADN. Uma das razões é porque os investigadores ainda não tinham conseguido formas de manipular o RNA, que é relativamente instável, por isso é que a vacina da Pfizer precisa de ser congelada a temperaturas muito baixas. A Moderna já conseguiu uma modificação química no RNA que o torna mais estável, não precisa de estar tanto tempo congelado. No caso da vacina para a covid-19 estamos a usar a informação codificada no RNA para ensinar o sistema imune a reagir contra o vírus, mas há outros tratamentos em que vamos atuar sobre o RNA para corrigir erros do ADN.

A medicina do futuro será cada vez mais um fato à medida

de cada paciente?

A ciência biomédica tem beneficiado de enormes avanços tecnológicos. Conseguimos ter mais informação em pouco tempo e constatamos que cada doente precisa de um tratamento bastante personalizado. Não é só uma evolução na tecnologia, mas também na nossa capacidade de interpretar os dados. Aí entra a Inteligência Artificial, que está a tornar-se fundamental para identificar, num grande mar de informação, quais as alterações que devem ser alvo de atuação. A maior parte dos médicos já pratica uma medicina personalizada, dentro das limitações que a tecnologia atual permite.

Do que falamos quando falamos de medicina personalizada?

Falamos de terapias que são usadas de forma mais precisa, mas também de melhorar muito a nossa capacidade de diagnóstico. Há muitos anos, os médicos apenas podiam olhar e cheirar a urina, às vezes até prová-la, porque não podiam fazer análises químicas. Agora, captamos muito mais informação, que nos ajuda a fazer um diagnóstico mais detalhado. Tendo isso, precisamos também de terapias mais precisas que atuem exatamente sobre aquilo que está errado.

Por isso se fala também de medicina de precisão.

O termo precisão vem daí mesmo: fazer um tratamento precisamente destinado à alteração molecular que causa a doença. Neste momento, onde é mais promissora é nas doenças genéticas, porque aí temos claramente uma causa bem definida e uma terapia que atua diretamente sobre essa causa.

E no cancro?

O problema do cancro é ser uma doença em constante evolução. É causado por uma acumulação dinâmica de várias doenças genéticas, não é só uma. Por isso, temos desenvolvido imensos medicamentos que são muito bons

a atuar sobre a alteração que estava no início daquele cancro, as pessoas têm uma resposta fantástica, mas após alguns meses, devido à dinâmica biológica do cancro, ele ganha resistência e o medicamento deixa de funcionar. Esse é o principal desafio que a medicina e a investigação biomédica enfrentam para lutar contra o cancro. Não conseguimos ainda transformá-lo numa doença crónica.

Estamos longe disso?

Não, já estamos a caminhar [para lá]. Temos conquistado muitos anos de boa qualidade de vida para pessoas com cancro. A lição que aprendemos sempre é que quanto mais cedo é feita a deteção e a intervenção terapêutica, melhor é o resultado. O que é que continuamos a precisar



PODCAST

Nelson Marques
conversa com mentes
brilhantes de diversas
áreas sobre o admirável
mundo novo que a
tecnologia nos reserva

então para ganhar a luta contra o cancro? De diagnósticos mais precisos e mais precoces. Em paralelo, temos o outro grande meio, que é a imunoterapia. Aí as manipulações genéticas também estão a ser cada vez mais importantes, porque temos de ensinar ao sistema imunitário como reagir apenas contra as células do cancro. Foi essa a origem das vacinas de mRNA (RNA mensageiro). A ideia deste casal de turcos que são os grandes inventores da vacina da Pfizer foi fazer diagnóstico global do



Data: 31.12.2020

Título: "O problema do cancro é que é uma doença em constante evolução"

Pub: **Expresso**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 46

cancro de uma pessoa e depois escolher as alterações moleculares que são capazes de ser reconhecidas pelo sistema imune.

■ Outra área muito promissora é a regeneração de células do paciente em laboratório que são depois devolvidas ao organismo. Vai cumprir a enorme expectativa que gerou?

■ Quando fazemos uma descoberta e dizemos que tem potencial, criamos uma expectativa na sociedade, e sobretudo nos doentes, que querem o mais depressa possível beneficiar [dela]. Na verdade, é preciso tempo, como vimos isso no caso da covid-19. Na medicina regenerativa, há casos muito interessantes em vários níveis de aplicação pré-clínica. O objetivo essencial

é repor células que morreram. É uma ideia muito interessante que não conseguimos ainda pôr em prática, mas estou convencida de que é uma questão de tempo.

■ Provavelmente já não chegará a tempo de viver 200 anos...

■ Passar os 100 vai. Se se portar bem! O que mais limita uma longevidade saudável é o estilo de vida. Para a grande maioria das situações de doença não há predisposições genéticas fortes.

■ Como vê o descrédito que um número aparentemente crescente de pessoas tenta lançar sobre a ciência, substituindo-a pela desinformação e pelas teorias da conspiração?

■ É um fenómeno natural à diversidade do ser humano. Pe-

rante uma situação de calamidade, as pessoas reagem de forma diferente. Há pessoas que colocam todas as suas expectativas na ciência, há outras que ficam descrentes e começam a acreditar em teorias da conspiração. O mais importante é educar a população para perceber o que é ciência, o que é um facto, o que é uma notícia falsa. Quanto mais educada for uma pessoa, menor a probabilidade de ela embarcar em teorias da conspiração. E isso não é algo que se possa fazer em momentos de pânico. Tem de ser feito em permanência, investindo na educação.

nmarques@expresso.impresa.pt

Área: 731cm² / 56%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7025057